

XVI SEMINÁRIO  
DE INTEGRAÇÃO

25 E 26  
OUTUBRO  
de 2017

DO GLOBAL AO LOCAL: O PODER DAS ESCALAS SOBRE O TERRITÓRIO



## Paisagem Revelada na Arquitetura de Campos dos Goytacazes

Renata Hilel Ribeiro

Edimilson Antônio Mota

Grupo de Trabalho: ST2. Cidades, Política Urbana e Processos Sociais

**Resumo:** Utilizando uma abordagem com as categorias de análise da geografia, espaço e paisagem, propõe-se a interpretação dos elementos expostos no Jardim do Liceu em Campos dos Goytacazes – RJ como forma de identificar as interferências externas sobre o território brasileiro e suas influências nas relações sociais, conduzindo hábitos e costumes em busca da modernidade com olhares no período da *Belle Époque* no séc. XIX e suas características do *art nouveau*, a qual propicia a visibilidade do espaço que caracteriza a paisagem campista com representações cheias de significados no âmbito sociocultural. Trata-se, portanto, de perceber as transformações na paisagem através do tempo, mas que estão imbricadas intencionalidades e discursos, dotados de uma multiplicidade e poder local, mas interferido pelas técnicas externas ao País.

**Palavras-chave:** Art nouveau. Espaço. Paisagem.

Universidade Federal Fluminense/ uffmota@gmail.com

Universidade Federal Fluminense/renatahilel76@gmail.com

Universidade Federal Fluminense/ uffmota@gmail.com

Universidade Federal Fluminense/renatahilel76@gmail.com

## Introdução

Para compreender a categoria de análise da geografia, o espaço, é necessário compreender os processos que articulam esses espaços cotidianamente produzindo transformações e uma organização no espaço urbano.

As existências de variantes em um sistema de representações são intencionais e vão sendo constituídas como lugares de convívio social, mas que no sistema é seletivo e condicionante para a sociedade. Tal qual, os fenômenos da modernização como resultado de novas realidades legitimam uma hierarquia de classes sociais e desenvolvem, tanto em escala local quanto global, uma apropriação econômica, política e cultural.

Nesse trabalho, proponho uma interpretação do espaço, como uma forma de reflexão das representações dos objetos, e as relações envolvidas nos espaços públicos produzindo identidade, que também definem quem circunda e quem frequenta esses lugares. Segundo Gomes (2013), “Os espaços públicos urbanos são a imagem da atividade social”, pois o cotidiano desenvolve inúmeras formas de perceber o mundo, justificado pelas rugosidades que, segundo Santos (2012), “são formas e processos inerentes ao conflito histórico e dialético estabelecido por uma urbanização que homogeneíza, ao mesmo tempo fragmenta e hierarquiza as condições de vida na cidade”, que propiciam a visibilidade do espaço, um lugar de exposição colocando tudo em exibição trazendo o olhar. Contudo, são as intencionalidades que definem os objetos no qual estão visíveis e os que estão após as “cortinas” no espaço urbano.

A visibilidade dos lugares é fruto de uma história representada em sua paisagem com significados singulares envolvendo também os espaços públicos (praças e jardins), que são parte do espaço integrante das articulações que circundam todos os fluxos, ou seja, as atividades que envolvem a cidade em âmbitos político, econômico e social, que fazem parte de um determinado contexto, que a sua criação contribuiu para fortalecer o olhar geográfico de quem observa o que leva à experiência a partir da sua lente pessoal.

Esses lugares primeiramente parecem ser banais, mas que ao se adquirir informação e descrição sobre os objetos, sobre a composição dos espaços públicos, levam o observador a sentir e a interagir com o lugar, com uma “nova forma de ver o

mundo”, visto de olhares geográficos, o que permite comparar, verificar e refletir sobre as diferentes formas representadas no espaço daquele lugar. O observador desenvolve, nessa perspectiva, a habilidade de descrever o temporal e destacar os elementos que permaneceram, assim como buscar entender também os novos significados e função de acordo com o tempo.

A presente pesquisa visa aprofundar o debate e estimular a reflexão sobre a realidade a partir do conceito de espaço definido por Santos (2006), que diz ser: "um conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não". A partir dessa definição, entendemos serem os objetos centrais, como elementos, na composição do espaço, e, como tais, vão constantemente sofrer transformação na medida em que novas técnicas e tecnologias vão sendo criadas. Pois, de fato, para cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras formas, o que pode levar a modificar o todo, em virtude das profundas transformações. Com um recorte espacial, proponho observar o Jardim do Liceu a partir da composição dos seus objetos, para reconhecer, nas suas descrições, elementos e estilos de projeção da *Belle Époque*, período de intensa duração e da permanência na paisagem da cidade Campos dos Goytacazes – RJ.

### **“Desterritorializar” e ‘reterritorializar’’: dinâmica globalizada**

O debate que define espaço, lugar e paisagem não é uma categoria material, ou seja, não podemos encontrar esses conceitos fora do diálogo hermenêutico, pois trazer a estagnação de forma a limitar tanto o espaço quanto o lugar, e ainda pior, a paisagem, seria um “pecado” em categorias geográficas tão complexas.

O mundo está aí para analisarmos e desenvolvermos questões buscando soluções temporárias, já que o tempo proporciona muitas mudanças e são as oportunidades que direcionam o indivíduo, que vai potencializar suas ações devido a suas intencionalidades.

É nessa perspectiva que os lugares vão fazer parte de uma funcionalidade centrada em uma hegemonia local, que está vinculada à hegemonia global; e as diferentes escalas é que vão definir as condições e a eficácia dos processos.

E, assim, os lugares simbolizam os movimentos mundiais representados em seu cenário, nas características culturais, políticas e econômicas, estando dispostas às articulações externas, sendo servis, proporcionando uma sobreposição de poderes e funções, notáveis ou ignorados, estando caracterizados pelas virtudes de cada lugar, mas que as composições da sua paisagem vão expor os discursos extrusivos de todas as manifestações existentes.

A globalização desenvolve um processo complexo para que a hierarquização se mantenha juntamente com o desfavorecimento de um “outro”, tendo em vista toda a articulação existente na história contada para manter um ator social, seja pessoa, cidade, país ou continente, no poder.

Na atualidade, desenvolvemos o uso do espaço aberto para as manobras externas (no caso direcionamos a empresas multinacionais como os agentes que modelam o espaço para o seu próprio interesse), que atuam nos territórios como espaços apropriados, mas desenvolvendo uma materialidade simbólica, reconfigurando a paisagem fazendo com que os lugares sejam fruto das diversidades e palco de conflitos de diferentes territorialidades nas relações culturais, políticas e econômicas com o suporte do poder soberano.

Essa naturalização das interrelações entre países e grupos, que são os detentores da modernidade, ou seja, possuidores da tecnologia e, por isso, atores coadjuvantes, tanto em relação ao mundo moderno, quanto no cotidiano local. Esse material oponente discurso direcionado a tecnologias enquadra no significado em um sentido categórico sendo redentor da técnica para novas oportunidades e em sentido material dos objetos trazendo a concreta independências em determinados eventos.

Tendo em vista que a própria Geografia traz múltiplas relações e desenvolve uma análise e organização espacial, suas categorias vão envolver tudo o que está inserido na paisagem, e são as escalas que vão direcionar para onde olhar ou para que olhar.

Então, se a geografia vai analisar esse espaço globalizado, vamos obter várias formas com diferentes conteúdos, ou seja, vamos proporcionar a forma hereditária-local que os atores são a sociedade do próprio local que em microescala são as cidades com todos as articulações envolvidas e a forma hierárquica-global trazendo os atores para influenciar a nível mundial em diferentes escalas.

A forma hereditária-local vai estar relativamente ligada à identidade, oralidade, que segundo Hall (1997) “ adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelas quais elas são representadas “, tendo os hábitos, costumes e relações sociais desenvolvidas através de uma cultura local, com seu conteúdo representado por uma dualidade devido às singularidades do indivíduo. Podendo compor um conteúdo ligado realmente a uma cultura singular, que são aprendizados desenvolvidos através das relações familiares e sociais passadas de geração em geração, ao mesmo tempo esse global, inserido nas cidades não podem ser negadas, e os herdeiros desse espaço complexo reinventam formas de estar, tanto ligado ao cultural familiar aprendido, quanto ao global que proporciona uma inserção hierarquizada socialmente, e com um determinante econômico que prioriza a hegemonia.

A forma hierárquica-global é a sobreposição de uma matriz de poder ligada à globalização tendo o alicerce da hegemonia e seus aliados, articulando suas relações para subalternizar outros países desenvolvendo um simbolismo relativo a ostentação de uma modernidade representada pelos objetos, no qual seu conteúdo são as abordagens implícitas, muito bem marcada por Hall (1997) “A identidade é marcada por meio de símbolos... e a ...diferença é sustentada pela exclusão. ”, portanto em todas as formas vão existir uma manifestação de poder e articulação sobreposta aos processos inerentes à dominação, vinculada à comunicação e socialização de uma sociedade subordinada a essa hegemonia, que desenvolve um discurso de superioridade de técnicas que vão posiciona-los a cima dos outros.

As subordinações na noção de lugar impõem que segundo Santos (2006)"o acontecer sobre o espaço não é homogêneo". Mas, para compreender esta diferença impõe-se "a categoria da escala, isto é, a noção de fração do espaço dentro do espaço total, vai dar sentido, à medida que a totalidade e o tempo vão tornar tarefas para incorporar uma reflexão para explicar as diferenças do/no espaço.

## **Produção de um novo olhar espacial**

A *belle époque* chegou ao Brasil como marca da modernização, e muitos centros urbanos de muitas cidades brasileiras, entre elas, a ex-capital, Rio de Janeiro, inspirou a revitalização de ruas, avenidas e prédios, no estilo parisiense da *Belle Époque*.

Campos dos Goytacazes, final do século XIX não foi diferente, o açúcar o seu principal produto, forneceu condições para o consumo da elite usineira que vai buscar inspiração também no estilo francês de morar e de viver.

Nesse contexto, a cidade juntamente ao seu crescimento fez com que obras e edificações fossem encomendadas, e, praças, residências, prédios públicos, ruas e avenidas foram influenciados fortemente pelo urbanismo francês.

Essa forma representativa possui um simbolismo forte, galgado na ideia eurocêntrica concebida em um significado de moderno e ao mesmo tempo poder econômico, já que possuir objetos sofisticados fica necessário um suporte financeiro para tais consumos.

Esse crescimento contínuo das cidades fez com que houvesse a necessidade de desenvolver espaço com uma intencionalidade voltada a saúde, salubridade e que favorecessem um momento de lazer como uma forma de estar perto da natureza, que com o crescimento das cidades tornou algo mais distante de visualizar, tendo a formação dos jardins para trazer o verde mais próximo a urbanização e como um meio da sociedade usufruir dessa natureza e segundo Mazza (2009):

O emprego da vegetação prosseguia recomendado para favorecer a circulação do ar, a dissipação de eflúvios nocivos e o desencadeamento do solo, de modo a combater lugares pútridos nos quais se formavam as doenças, conforme as teorias dos miasmas. (MAZZA, 2009 Apud SEGAWA, p.17).

Dessa forma os jardins produziam funções importantes, que não deixaram de exprimir um mesmo sentido no Brasil. Acontece que existiu muitas relevâncias acerca do assunto, esses espaços eram produzidos por pessoas de poder econômico elevado trazendo uma representatividade simbólica, frente a produção desses espaços.

Segundo Souza (2014) o Jardim do Liceu foi concluído devido a influência do Barão do Rio Branco, dono das terras, ao doar uma parte dessa propriedade para a

câmara como pagamento do prolongamento de ruas com a finalidade de facilitar a construção do seu palácio (hoje o colégio Liceu de Humanidade).

Este foi construído por volta do século XX, onde foi ajardinada conforme o Jardim Afonso Pena no Rio de Janeiro e utilizando o aterro retirado para aterrar o local para construção de outra praça em local distinto na cidade

O período no qual o Jardim do Liceu foi estruturado, trouxe uma perspectiva imbricada a um simbolismo conectado as suas características físicas.

Em sua estrutura está uma representação de um período que enfatiza em suas propriedades o estilo *art nouveau*, em todos os seus objetos, com a sua beleza desenvolvida no uso de ferro, vidro, madeira e cimento, assim como, um aspecto físico voltado para o orgânico, trazendo suas características para expressar um período de poder local explicado pela história econômica e política da cidade, bem como a pureza da natureza destacada nos objetos.

O *art nouveau* surge como um estilo decorativo de forma significativa em uma época de novos olhares, a transformação na relação do ser humano com a natureza. Essa arte nova, tradução no português, trouxe a releitura do movimento moderno, estabelecendo uma resposta a rapidez das mudanças, as novas visões de mundo e ao avanço da ciência, espalhando seu estilo por toda a Europa, trazendo uma arte mais orgânica, linhas onduladas, assimétricas e entrelaçadas presente em sua ornamentação, contaminando outros países.

Essa ideologia voltada para o bem-estar e o bela na arte vai cair “na graça” da sociedade campistas, que para mostrar seu poder econômico os usineiros (os matinaidores da economia da cidade de Campos dos Goytacazes, cidade construída para fins agrícolas, na plantação de cana-de-açúcar) buscavam sempre um suporte representativo na cidade do Rio, pois para expor seu poder aquisitivo aos olhos de toda a população campista era elaborado arquiteturas voltadas para Europa, mas também valorizada pela sociedade carioca, e foi nessa perspectiva que o Jardim do Liceu foi colocado de pé, um jardim privado favorecendo ao Barão Rio Branco, com funções de reunião e discursos para uma minoria.

A pretensão de otimizar a forma de análise dos objetos e suas composições, juntamente com o simbolismo que está conectado as suas características, a



proposta é perambular pelo jardim e verificar, analisar e justificar seus objetos e seus significados que vão sendo transformado com o tempo.

Pois fazer parte da elite da cidade, significa que precisa ser uma pessoa moderna e que na época, ser moderno é estar vinculado a todos os hábitos e costumes da Europa, e o mais visível era a arquitetura das casas e jardins.

Toda a representatividade do *art nouveau* trazendo um estilo de vida que valoriza os prazeres que possam ser oferecidos em todos os aspectos, o tecnológico, o convívio social e o novo status da mulher em sociedade, mas que desenvolvendo um simbolismo próprio articulado no espaço que a sociedade constrói uma historicidade deixada com herança de uma memória da identidade campista.

Contudo, também no cotidiano dos brasileiros, houve a proliferação dos hábitos europeus em todo o ponto de vista, desde os tecidos, chapéus, perfumes, adornos femininos, até aos vinhos, porcelanas, plantas, entre outros. A consequência foi uma migração espontânea, pondo um crescimento demográfico nas cidades principais do país, como o Rio de Janeiro.

Mas para que seja definida as propriedades em destaque pela consequência com o contato da identidade cultural dos franceses, bem como as características do *art. nouveau* presente em vários locais dentro do Brasil que perduram até os dias atuais, é preciso compreender os processos desenvolvidos em um período chamado: *Bella Époque*.

No século XIX houve um crescimento tecnológico vinculado a Revolução Industrial, que vai impulsionar diversas áreas como: a ciência, dando a oportunidade de surgir novas áreas do conhecimento, ritmo frenético da urbanização, e crescente estruturas técnicas.

O individualismo crescente na sociedade industrial e o crescimento pressuroso das cidades, emerge os movimentos reivindicando a retomada do hábitos rotineiros antes dessa evolução surgir, um dos movimentos era chamado romantismo, que buscava resgatar nessa sociedade urbana industrial a afinidade com a natureza ou trazer a vida próxima a ela, exaltando os sentimentos amorosos.

Os componentes desse movimento representavam de formas artísticas o drama e a opressão popular vivida em seu cotidiano, como refém desse novo modo de vida desenvolvendo problemas sociais que refletem até os dias atuais.

A partir desses movimentos vão fluir novas correntes dando autonomia para apontar os conflitos e condições desumanas da população em geral e ainda a corrente Naturalista e Realista que valoriza essas condições humanas e trazendo uma reflexão do mundo vivido.

Nesse período também foi engajado o pensamento marxista, trazendo o materialismo histórico dialético, enfatizando essas reflexões dos acontecimentos sociais e as questões no qual vão direcionar o curso da sociedade.

Nesse período que na França o estilo *Art Nouveau* valorizou a sua paisagem, dando linhas sinuosas e inspiração nos elementos da natureza, em especial na arquitetura. Além do uso do concreto armado vislumbrou um aumento da construção de prédios e elaboração de desenhos exóticos, ou seja, fora do usual, sendo uma época dos arranha-céus cobrindo o espaço urbano nas cidades, dominando todo o ambiente.

Que segundo Mazza (2009) Paris foi a cidade que mais apresentou características verdes no espaço urbanos, pois em marcha o crescimento nas melhorias urbanas na cidade. “ Em pouco mais de uma década e meia, Paris despontou aos olhares da nação e do mundo como experiência ímpar de realização qualitativa e quantitativa de espaços verdes públicos. ” (MAZZA, 2009)

Mas existia por traz desse empenho em concretizar espaços públicos verdes uma intenção inegável, que favorecia não só a produção de um comportamento diferente da classe trabalhadora, mas também alcançar as classes dominantes, em seu tom sutil e inspirador dos ambientes ao ar livre. Como retratado por Mazza ( 2009)

A implementação dos ambientes verdes visava atender os anseios de uma classe alta, que vinha assimilando o gosto pelas amenidades da vida ao ar livre. Enriquecido e orgulhosa de si, a burguesia industrial estava ávida por dispor de mais cenários para reproduzir comportamentos que foram característicos da aristocracia, como os passeios à sombra das árvores, as conversas e os encontros nos parques, o jogo de fazer ver e ser visto, a exibição de trajes elegantes, o desfile de carruagens sofisticadas. (MAZZA, 2009).

Tendo também uma perspectiva de salubridade ao compor o espaço por verdes, sendo adotado pela França, favorecendo a circulação de ar, dissipação dos

eflúvios nocivos e a erosão, e ainda combater ambientes mefíticos motivador de proliferação de doenças, tendo o cuidado de promover nesses espaços espécies botânicas adequadas para esse tipo de função, tendo o privilégio de maior absorção do gás carbônico, favorecendo um ar mais puro e mantendo o ambiente longe dos miasmas.

Com tantos benefícios, não pode ignorar o ornamento nos espaços urbanos, transformando em um ambiente pitoresco, que traz uma sensação de bem-estar e de lugar saudável, tendo uma visão bela causando um conforto individual.

*Belle Époque* foi um período de cultura cosmopolita na história da Europa que começou no final do século XIX e durou até o surgimento da Primeira Guerra Mundial . A expressão também se refere ao intelectual Clima do período em questão, no qual foi um tempo marcado por profundas transformações culturais que se traduziram em novas formas de pensar e viver a vida cotidiana.

Época do ouro da beleza e inovação, no qual vai facilitar a vida em todos os níveis sociais e ainda vivendo um novo momento em âmbito cultural com o surgimento de cabarets, o cancan, o nascer do cinema, e a arte assumindo uma nova forma com o impressionismo e o art. nouveau.

Chamada época de ouro, pois o mundo passava por uma evolução tecnológica no qual vai aproximar as grandes cidades do planeta, com o surgimento do telégrafo sem fio, o telefone, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião, fazendo com que essa época torne a mais importante após o surgimento da escrita, fazendo com que o espaço geográfico possa manter uma comunicação global em um curto espaço do tempo.

Essas mudanças então correram o mundo todo, trazendo evoluções marcantes que, movimentando o meio industrial, ampliando a visão do capital, mas que juntamente com essa nova roupagem, é acompanhada por conflitos e problemas sociais.

O período em que o *Bella Époque* chegou no Brasil e foi marcado pela modernização e com o avanço arquitetônico. De fato, a influência europeia nas cidades brasileiras era incontestável.

No Brasil, essa época vai aparecer de forma diferente de outros países, que consiste tanto na duração do período, quanto ao que se remete aos avanços tecnológicos, pois as duas regiões mais prosperas da época era a região do ciclo da borracha (Amazonas, Rondônia e Pará) e a região cafeeira (São Paulo e Minas Gerais). Pois estas capitais viviam um momento de grande importância para o território nacional.

Nesse momento que foi inaugurado pontos turísticos ainda hoje no Rio de Janeiro como o bondinho do Pão de Açúcar, havendo também profundas mudanças sociais em sua paisagem urbana, mas o maior símbolo do bela Époque foi Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

O estilo chamado art. nouveau ("arte nova" em português) típico da belle époque, é uma corrente artística que surgiu nos finais do século XIX, em reação ao emprego abusivo na arte clássica ou tradicional. Em vez de se basear nos sólidos modernos da arte clássica, a arte nova valorizava os ornamentos, as cores vivas e as curvas sinuosas baseadas nas formas elegantes das plantas, dos animais e das mulheres.

É uma arte essencialmente decorativa sendo as principais obras desse estilo fachadas de edifícios, objetos de decoração (móveis, portões, vasos), joias, vitrais e azulejos.

A origem efervescente do surgimento do paisagismo no Brasil, com um olhar para a Europa remonta ao fim do século XVIII, período no qual a coroa portuguesa saiu a busca de novas riquezas, aprimorando estratégias para dissipar a implementação de jardins botânicos pelas colônias sul-americanas, utilizando técnicos de origem francesa para a construção desses espaços naturalistas.

Entretanto, houve um prolongamento para aceitação do estilo francês penetrar nos jardins e nas plantas ornamentais no Brasil. Fixada no território brasileiro, assim que, a família real instalou-se no país, no Rio de Janeiro.

Segundo Mazza ( 2009)

Com a transferência da corte, em 1808, o Rio de Janeiro se tornou alvo paulatino de estudos e ações governamentais que tencionavam atualizar seus modestos traços de assentamento portuário colonial. Em 1815, a elevação da cidade a capital do Reino Unido de Portugal e Algarves, veio dar mais respaldo a esse processo. Então no epicentro político e financeiro do império, o Rio de Janeiro passou a demandar mais obras e profissionais

capaz de agir na renovação física e cultural de seus ambientes. (MAZZA, 2009).

A cidade do Rio de Janeiro abrigava vários europeus, produzindo uma imigração espontânea, apresentando um crescimento no qual aos poucos transformavam o ambiente carioca. Assim a morfologia urbana vai modificar-se de acordo com os acontecimentos e influenciando as cidades vizinhas, que são dependentes da cidade do Rio, local onde encontra-se instalações de empresas, rico comércio e contatos externos.

E assim com base no eurocêntrismo, a cidade de Campos dos Goytacazes também fez parte dessas transformações, tendo a elite campista, sociedade volta para o cultivo da cana de açúcar, proprietários das terras que para ostentar uma modernidade simbólica ligada a Europa, transformava suas estruturas e todo o aparato existente em suas moradias e os lugares requintados com características da evolução presente em uma época.

Nessa perspectiva, considera-se que o espaço urbano tem um significado cultural para seus habitantes e que as formas e estruturas manifestam um poder simbólico, que definem a ascensão dentro de uma determinada classe social, ou seja, o moderno, o belo e a demonstração do poder aquisitivo, era manifestado inicialmente nas formas e estruturas das casas, tendo um glamour de fora para dentro.

A estruturação do Jardim do Liceu faz parte de todo um processo histórico, em um momento de crescimento em todas as áreas, que vão conquistar a elite campista e representativo nos elementos, perpetrando com que aos olhos do observado fique claro a ligação com o gosto europeu, e simbolizando um poder econômico.

Para compreender os processos definidores das características marcantes deste período, e distinguir os elementos que fazem parte do estilo *art nouveau* em cada elemento que compõem o Jardim do Liceu, vai remeter ao retorno do discurso do lugar acrescido do patrimônio cultural. Pois, a construção de um espaço que propõe uma ligação com o gosto europeu, não seria meramente uma reprodução, mas que estão presos a processos de interação social, desenvolvida em uma cultura local.

Não basta conter características do *art nouveau* para justificar o gosto da sociedade brasileira referente a Europa, mas a influência de um discurso interligado ao processo político de apropriação e identidade, que foram desenvolvidos em todo o território brasileiro, em essencial interpretar as ações e colocar em evidência os momentos históricos que vão interferir nos processos.

O lugar ele sempre acompanha o homem, mas que identificam formas de olhar diferentes, pois cada indivíduo produz ou mesmo influencia o seu espaço. Que segundo Oliveira (2014) “ O sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua vez, o sentido do tempo. ”

Assim vai representar essas inquietações com um dualismo dos conceitos da metafísica para o lugar, que segundo Oliveira (2014)

... a definição de lugar e de sentido que varia conforme as teorias e os autores ... por sua vez...colocava uma separação entre a realidade subjetiva e objetiva ... sendo a diferença entre uma e outra mera significância relativa. Objetivo são aqueles de experiências que persistem mediante todas as mudanças do aqui e agora. Enquanto o subjetivo pertence ao sujeito, toda mudança em si e somente, expressa a determinação particular única aqui e agora. (OLIVEIRA, 2014).

O lugar como foi discutido no tópico anterior, possui vários significados, mas que simultaneamente o tempo produz marcas que vão transformar o espaço de forma significativa e o altruísmo se perde pelas mudanças persuasivas. O tempo por tanto proporciona novas perspectivas e assim as múltiplas identidades são direcionadas para um novo foco, tendo por base sua intenção justificada pelas circunstâncias derivadas das ações envolvidas nesse lugar.

As mudanças são fortemente evidentes no *Bella Époque*, pois um período no qual vai trazer um sentido de metamorfose cultural e social, trazendo uma transformação no espaço e uma ligação coletiva com o todo do globo.

Por tanto, a partir de uma construção de um novo olhar sobre a cultura pelo fatos, vai existir uma interação de múltiplos sujeitos históricos que, de acordo com maior ou menor intensidade eleva as considerações as especificidades espaciais, definida pela geografia humanista como cultura, ou seja, voltado para todas as manifestações do espírito humano, seja no plano técnico, por exemplo, na esfera das artes, letras, produção científica, arquitetura, ou seja, no cotidiano social propondo uma diversidade de lugares para diferentes sujeitos.

Esse relacionamento tem carácter variado, podendo ser de expressão de sentimentos (literatura, artes, ...), de domínio ideológico social, de controle sobre a natureza (técnica), de busca de compreensão do universo (filosofia, teologia), transformando o lugar segundo Oliveira (2014)

em itinerante aquele estático tendo limites em acúmulo de conhecimento, e o lugar radiante aquele que possui um dinamismo, que aborda todas as causalidades envolvidas, fazendo com que o homem descubra o “espaço no tempo. (OLIVEIRA, 2014).

A construção dos espaços é sistêmica e construída através de um sistema de objetos e ações, (SANTOS, 2006), que não estão inerentes aos processos articulados nos lugares, trazendo novos paradigmas mudando a ‘forma de ver o mundo’, originando novas transformações, e assim acomodando outras ideologia e novas identidades.

## **O espaço e suas representações**

Ao observar todo o município é visualizado a eurocentriedade representada nas formas e como os objetos são organizados no espaço em uma conjuntura da chegada da modernidade isolando a cultura local e inserindo desenvolvendo uma visibilidade de acordo com Gomes (2013) “é um fenômeno que está estritamente relacionado à posição daquilo que é visto no espaço” e o ser humano é um consumidor das imagens, o urbano vai diversificar em sua exposição dos objetos para direcionar o olhar.

Sendo nessa visibilidade que a globalização alcançou até as menores cidade, vendendo uma imagem de desenvolvimento e satisfação, que Campos dos Goytacazes e sua elite campista, sociedade volta para o cultivo da cana de açúcar, os proprietários das terras para ostentar uma modernidade que o símbolo era a Europa, transformava suas estruturas e todo o aparate existente em suas moradias lugares requintados com características da evolução presente em uma época, refletida até os dias atuais.

Essas mudanças então correram o mundo todo, trazendo evoluções marcantes que, movimentando o meio industrial, ampliando a visão do capital, mas que juntamente com essa nova roupagem, é acompanhada por conflitos e problemas sociais.

## Considerações finais

A necessidade de perceber os lugares e os objetos que compõem os espaços, com o olhar do observador, que ao visualizar o Jardim do Liceu remete a momentos pretéritos para perceber as constantes transformações dos espaços urbano, apropriando dos hábitos e costumes em virtude do discurso envolvido no aprimoramento das técnicas, que vão ser representados em seu cenário com estilo em uma arte nova preenchendo a paisagem, mas que as condições espaciais vão determinar distintas circunstâncias intrínsecas no sociocultural, que justifica os levantamentos decorrentes dos objetos do Jardim do Liceu.

No entanto, entender a geografia como lente para compreender o mundo, torna-se complexo, mas possui circunstâncias relevantes. O desenvolvimento de uma articulação entre os conceitos vitais da geografia foi com a intenção de proporcionar uma aproximação do todo no espaço do Jardim do Liceu, e interpretar dentre a existência de categorias e múltiplas visões produzidas individualmente.

O espaço que desenvolve a partir da construção social diante do território faz com que o produza de forma a proporcionar não só um espaço de inter-relações, mas o desenvolvimento da urbanização, que propõem uma mudança contínua, e não meramente uma mudança física, estrutural, mas que proporciona transformações que o tempo é um intercessor.

Assim, o tempo influencia nas ações humanas e na própria natureza, transformando esse espaço de forma simbólica, gerando novos significados para os objetos e proporcionando uma vida ao que é inanimado.

Esse espaço não está lá como um palco ou como um plano de fundo ou, até mesmo, como uma referência, ele representa um contexto histórico e as ações decorrentes da sociedade, portanto, não está de forma irrelevante. Podemos afirmar que o espaço é o cenário, que “[...] é constituído também pela maneira como se organizam pessoas, coisas, comportamentos em um espaço” (GOMES, 2013, P. 31), que através do olhar geográfico desenvolve uma visibilidade para compreensão da vida social e que “[...] deve ser praticada, segundo complexas escalas de valores [...]” (GOMES. 2013, p. 23), onde são desenvolvidos diferentes pontos de vista gerando mudanças contínuas.



Essa mundialização dos objetos traz um estilo parisiense para outros países, sendo internalizado não só nas cidades brasileiras, mas internalizado na sociedade discursos de moderno e produzindo estereótipos, e estruturas cheias de significados.

O reconhecimento dos objetos em um estilo arquitetônico voltado para o verde, o belo, mas que também direcionado a um público seletivo, transmite as múltiplas intencionalidades intrínsecas no âmbito social. Trazendo uma produção em série em seus elementos, mas construindo uma segunda natureza, orgânica com um simbolismo intrínseco no âmbito social.

A chegada da modernidade no país interfere na cultura e produz um novo estilo de morar e de viver, construindo tradições homogêneas ignorando as singularidades dos grupos sociais.

Assim, a mundialização alcança os lugares e internaliza os discursos, vendendo uma imagem de desenvolvimento e satisfação em todos os países, assim como na elite campista, desenvolvendo uma modernidade simbólica, caracterizando a evolução representada pelo *art nouveau*, refletida até os dias atuais, trazendo evoluções marcantes, movimentando o meio industrial, ampliando a visão do capital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de lugar. In: Marandola Jr.; Eduardo; Holzer, Werther; Oliveira, Livia de (Org). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. 310p. (Coleção Estudos, 302).

SOUZA, Horacio. **Cyclo Áureo**: História do 1º Centenário de Campos. 1835 – 1935. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014. (Memórias Fluminenses; v.1).

SILVA; Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença**: uma perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.